

A INTERFACE ENTRE AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS DA BNCC 2018 E A EDUCAÇÃO PERMEADA PELA TEORIA HUMANISTA

Atalija Holanda de Freitas¹
Francisca Leila Andrade de Sousa²
Francisco Mayccon Passos Costa³

RESUMO

O presente trabalho objetivo realizar um diálogo, a partir de revisão bibliográfica, entre as concepções dos teóricos humanistas e a Base Nacional Comum Curricular (nova proposta curricular para a educação brasileira). No ano de 2020, as escolas brasileiras terão por obrigação adotar a BNCC, que visa integrar e uniformizar o ensino em todo o país. A novidade dessa proposta educacional é a inclusão de competências socioemocionais destacadas na base, que deverão ser trabalhadas em sala de aula, buscando uma formação integral dos estudantes. Nessa perspectiva procuramos nesse estudo interligar esses componentes socioemocionais com as percepções da teoria humanista, visto que, um dos aspectos defendidos por essa teoria, também se dá em vincular o estudante a todas as esferas do Ser: emocional, cognitivo e social. No decorrer deste trabalho, buscamos entender a finalidade dessas competências, assim como a relação com as colocações que transitam na teoria humanista em geral. A literatura pesquisada aponta que o papel da educação, pelo olhar da teoria humanista, deve ser a de humanizar o sujeito. Enquanto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) determina, a partir de compreensões a respeito da educação destacadas em seu documento, que irá nortear as competências curriculares das escolas brasileiras. Sendo assim, em dias de profunda predominância e de muitas indagações sobre o modelo educacional tradicional – que fracassa em formar os estudantes para os desafios da vida contemporânea –, esse documento auxilia na construção de concordâncias sobre que sujeitos o sistema educacional visa formar.

Palavras-chave: Educação. Humanismo. BNCC. Competências Socioemocionais

INTRODUÇÃO

Educar para o futuro exige repensar todo o processo pedagógico desenvolvido nos dias atuais, assim como as relações que se dão entre os sujeitos nos ambientes escolares, para que se integre em uma nova proposta, e supere dificuldades inerentes a esse fazer pedagógico. Paulo Freire, pelas colocações de (PRETTO, 2016), afirma que o processo de ensino-aprendizagem deve ser baseado num diálogo, promovendo a comunicação, pois só a partir

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Diocesana de Mossoró, atalija30holanda@gmail.com

² Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Diocesana de Mossoró, leyla.andrade@gmail.com

³ Docente do curso de Psicologia da Faculdade Diocesana de Mossoró, Me. em Educação
mayccon@yahoo.com.br

dela é possível humanizar e integrar através da educação, valorizando o sujeito em todos os seus potenciais, dando a ele um lugar de fala, onde a sala de aula possa se encontrar com os saberes da vida cotidiana.

Promover uma educação humanizadora, inclusiva e libertadora é desenvolver o estudante para ser um sujeito autônomo, e não apenas para reproduzir conhecimentos, nesse sentido o estudante integral não é só cognitivo, mas também sujeito cultural, social e emocional. Construir uma nova educação demanda o desenvolvimento dessas novas competências, um novo olhar para o processo de aquisição de conhecimento permeada pela dimensão cognitiva e socioemocional, no qual o aprendiz faz-se participante protagonista, à medida que incorpora habilidades inerentes a seu “eu” social em relação ao “outro”, na dialética enquanto sujeito ativo pertencente a diferentes contextos sociais que estão além de uma sala de aula.

No Brasil e no mundo, procuram-se alternativas para formar as crianças e jovens de hoje para um futuro incerto que se abre à nossa frente. É impreterível que os paradigmas que regem a prática pedagógica se adequem ao novo estudante e o novo cenário em que vivemos.

Desse modo, pensando em atender as demandas de uma formação integral e que contemple o sujeito no desenvolvimento de todas as suas potencialidades, o Plano Nacional de Educação (2014-2024), apresentou a discussão sobre a necessidade da construção de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) A proposta que a BNCC traz a partir das competências socioemocionais vai ao encontro ao que postula os estudiosos das teorias humanistas, que diz respeito a fomentar diversidade, autonomia, empatia, diálogo e gerência emocional. O objetivo principal, como consta na apresentação da BNCC, é oferecer subsídios às propostas curriculares das escolas brasileiras.

Evidenciamos que a escolha dos pensadores humanistas, referenciadas nesse trabalho, se dá por se destacarem em defesa de uma educação humanizadora diante das questões críticas da sociedade em pleno século XXI.

O objetivo desse estudo é fazer uma correlação entre a educação e as competências socioemocionais a partir da teoria humanista.

Dessa maneira, este estudo se justifica, uma vez que, o aperfeiçoamento de competências socioemocionais no atual contexto global, aos quais apontam mudanças de atitudes necessárias para lidar com problemas complexos e para articular uma educação baseada na formação da coletividade ao promover a curiosidade, empatia e responsabilidade compartilhada, faz-se assim, necessário refletir a amplitude que esta temática envolve.

Dispondo de uma revisão de literatura para a abrangência do trajeto percorrido durante este estudo, é importante o esclarecimento de alguns pontos como: Definindo a Base Nacional Comum Curricular e a educação pelo olhar da teoria humanista, preposições teóricas que estão dispostas nos tópicos a seguir.

METODOLOGIA

O presente trabalho procurou delinear, a partir de uma pesquisa de revisão bibliográfica, a leitura de autores que discorrem as temáticas: Educação Humanizada, Teoria Humanista e BNCC, buscando relacionar as mesmas ao contexto que se constitui a partir das discursões sobre competências socioemocionais. Utilizando o referencial da pesquisa exploratória e descritiva de caráter qualitativo, considerada como exploratória por levantar informações e dados que permitem uma melhor compreensão dos temas.

Empregou-se a vertente de pesquisa qualitativa, visto que o viés qualitativo busca a compreensão dos fenômenos por meio de uma apreciação subjetiva de dados, e lida com interpretações das realidades sociais.

Com um corpus delimitado, isto é, a BNCC e texto de estudiosos pré-definidos definimos a problemática que embasou esse estudo, por conseguinte, foram determinados as palavras-chaves e os critérios para triagem e mensuração de artigos na temática abordada, assim, os textos que não expressaram algum tipo de similaridade com o tema pesquisado e também aqueles que não se apresentaram afins aos objetivos do estudo foram excluídos.

Através da delimitação da problemática que orientou esse estudo, foram definidas as palavras-chaves e os critérios de exclusão de artigos, onde foram eliminados todos os textos que não expressaram algum tipo de similaridade com o tema pesquisado e também aqueles que não apresentaram relações com os objetivos do estudo, posteriormente foi feita a seleção dos artigos, o material utilizado para o estudo foi selecionado através de consulta à Biblioteca Virtual Scientific Eletronic Library Online (SciELO), à Biblioteca Virtual de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Portal de periódicos Capes, ambas escolhidas por agregarem e dispor de grande parte das produções científicas nacionais e utilizadas em diversos trabalhos de revisão literária. O levantamento resultou em 20 trabalhos, sendo que apenas 11 selecionados, que foram aqui referidos, dialogavam com o tema central da pesquisa, sendo assim utilizados na produção final do estudo.

Os acessos aos bancos de dados foram realizados no período de outubro a dezembro de 2018, a pesquisa não levou em consideração recorte temporal, isto é, foram avaliados todos os estudos disponíveis nos bancos de dados selecionados, utilizando as seguintes palavras-chaves que incluíram combinações entre: BNCC, teoria humanista, educação humanizada, competências socioemocionais. Continuamente foram feitas adequações do material selecionado aos objetivos da pesquisa para atender a questão norteadora do estudo.

DESENVOLVIMENTO

EXPLICANDO A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

A discussão sobre a implantação de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada oficialmente em 2018, para a educação de ensino fundamental básica, onde se fará obrigatória nas escolas a partir de 2020, surgiu em busca de uniformizar os currículos que norteiam o ensino de todo o Brasil.

No Brasil a educação é regulamentada a partir da Lei de Diretrizes de Base (LDB, lei nº 9.394/1996), que tem como função reafirmar a educação como um direito básico de todos, em consonância com a Constituição Federal (CF) de 1988. A proposta da referida lei é garantir uma educação acessível e transformadora. Contudo, ao longo de vinte e dois anos de vigência a educação vem enfrentando problemas em resultados de qualidade nacional e internacional. Portanto, a BNCC surge como um documento norteador de ensino nas escolas do Brasil, e não como um modelo de currículo obrigatório. De acordo com o ministério da educação (MEC) a BNCC pode ser definida como “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica”. (BRASIL, 2018a).

Partindo do princípio básico, a educação democrática tem como objetivo a construção de uma sociedade humana, integral e inclusiva, orientada por pressupostos éticos, políticos e estéticos. A BNCC visa um ensino homogêneo, de pleno desenvolvimento a partir de 10 competências gerais. Em concordância com a base pode-se definir o termo competência como “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos) habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais) atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”. (BRASIL, 2018a).

Dessa maneira, a educação procura formar cidadãos competentes para atuar no mundo contemporâneo, desenvolvendo valores e atitudes, e promovendo uma educação significativa

(PINHEIRO, 2018). O fazer pedagógico deve evidenciar as competências que contemplem o que o discente aprende através das suas vivências e enxergar a educação como uma interface entre teoria e prática, que tem os conteúdos como meios que possibilitam a promoção de suas capacidades. (DIAS, 2010).

De acordo com o estudo de (ABED, 2014) o papel da escola no contexto atual, deve ir além da transmissão de conhecimentos, pois é necessário preparar o estudante para construir uma vida produtiva e feliz, através de competências que possam fortalecer a relação com o mundo atual.

Pensando nisso em março de 2014, a OECD (Organisation for Economic Co-operation and Development), Instituto Ayrton Senna (IAS), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e MEC, promoveram o “Fórum Internacional de Políticas Públicas – Educar para as competências do século XXI” onde reuniu líderes educacionais mundiais para partilhar conhecimentos sobre habilidades socioemocionais. Com isso, observa-se uma preocupação em buscar alternativas que possa superar os problemas vivenciados pela educação atual.

Em seu trabalho Abed (2014) apresenta um estudo longitudinal que respalda a relevância das competências socioemocionais, realizado pelo economista James Heckman, da Universidade de Chicago, que consistia em equiparar dois grupos de jovens, de uma mesma realidade socioeconômica, no qual um dos grupos era composto por indivíduos que participavam do programa “Perry Preschool Project”, programa este direcionado ao cuidado com o desenvolvimento socioemocional de crianças de 3 a 5 anos, o outro grupo de controle era formado por sujeitos que não participaram do projeto “perry”. De acordo com os resultados desse estudo, houve diferenças significativas, no que tange as habilidades “não-cognitivas”. Os jovens que participaram do projeto “perry” mostraram menos incidência nas taxas de abandono escolar, desemprego, envolvimento em crimes e gravidez na adolescência.

Isso nos leva a enxergar a importância das dez competências educacionais gerais adotadas pela BNCC, que abrangem os componentes curriculares de toda a educação básica do país, englobando não apenas as competências cognitivas, mas também as socioemocionais, que devem ser trabalhadas na busca pela plenitude do educando, visando ações pedagógicas que integrem os conhecimentos técnicos e atenda as demandas emocionais do aluno, ou seja, respeitando sua subjetividade.

Essas competências socioemocionais elencadas pela BNCC, a serem desenvolvidas durante a educação básica, são:

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2018a)

Segundo a Plataforma Educacional, as competências socioemocionais podem ser definidas como: “as habilidades ou características ligadas ao desenvolvimento do indivíduo no sentido de formação de um cidadão integral, preparados para agir de forma responsável e ativa, e assim alcançar o sucesso em todas as esferas de vida.” (BRASIL, 2018b)

Pensando a educação pelas competências citadas, é possível observar que existe um eixo no desenvolvimento do educando, ou seja, a relação do eu com o outro, e do eu consigo mesmo. A reforma procura exercer dentro do meio escolar uma educação humanizadora, buscando o equilíbrio entre o cognitivo e o emocional. A teoria humanista, pelo olhar de Rogers, em um dos seus propósitos, visa destacar que o contato direto e frequente da pessoa com o seu ser emocional é o ponto de partida e de chegada para o seu desenvolvimento. (MAHONEY, 1999)

Para a teoria humanista, ignorar o socioemocional é amputar competências significativas para o desempenho individual, coletivo e social. Negligenciar os aspectos que integram a essência do sujeito é não permitir que aptidões sejam desenvolvidas para uma plena realização. (DOURADO, 2002)

O HUMANO DA EDUCAÇÃO: UM OLHAR DA TEORIA HUMANISTA SOBRE A EDUCAÇÃO

A teoria humanista da psicologia, busca tornar o estudante o principal precursor de sua aprendizagem e o professor como um facilitador desse processo, usando meios que desperte nesse aluno o interesse por aprender, excluindo o paradigma de que seu papel se resume a transferência de conteúdo, o que contrapõe a escola tradicional, na qual o professor era o único detentor do saber, e os estudantes impossibilitados de contribuir ativamente no processo, como destaca Pinheiro em seu livro que contempla essa teoria:

Durante muitos anos da história da educação no país o professor representou como a ferramenta central da transmissão do conhecimento e detentor de todo saber,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

servindo como agente ativo perpetuador de informações científicas e o aluno receptor passivo nesse processo. No cenário atual, esta função está sendo gradualmente modificada, mesmo que ainda é predominante na educação básica e superior. (PINHEIRO, 2018, p. 06)

Na concepção de (SOUZA, 2013), é preciso considerar que o ato de aprender é singular, pertence a cada indivíduo de modo particular e intrínseco, onde o conhecimento subjetivo não deve ser descartado, pois o estudante assimila apenas aquilo que lhe faz sentido ou o que está conectado com a sua realidade.

Os humanistas defendem a liberdade como uma das formas mais eficazes para se aprender. Tendo Carl Rogers (1902-1987), como um dos principais teóricos defensores dessa abordagem, desconstruindo a ideia de uma educação disciplinadora, e que dá margem para uma aprendizagem significativa. O que Rogers entende como aprendizagem significativa é aquela que o conhecimento absorvido deve fazer sentido para o estudante, ter um significado pessoal, não apenas cognitivo, motivando-o a envolver-se no processo de aprender, pois, só assim, terá importância para quem aprende.

É preciso também que se estabeleça uma relação de confiança entre professor e estudante, porque isso fortalece os interesses de ambos no que diz respeito a ensino-aprendizagem. Desta forma, podemos destacar a seguinte afirmativa:

Quanto mais o estudante se aceita na relação com o professor, quanto mais na abertura afetiva e intelectual realizada, o aprendiz percebe que pode errar, fracassar, sem ser julgado menor por isso (aceitação incondicional), maiores são as possibilidades de ele se abrir a uma relação mais genuína com o professor e consigo mesmo (SOUZA, 2013, p. 08).

Ao falar dessa relação em que o professor deve se envolver intimamente com seus estudantes, é preciso considerar que elementos fundamentais se façam presentes, dentre eles, o ato de amor e empatia. Não se pode mais conviver com a ideia de professor e aluno em contextos separados, o que os movem ao sucesso é justamente a intimidade. Para (PRETTO, 2016, p. 10):

Educar deve ser um ato de amor. A força do amor que perpassa a relação entre quem educa e quem aprende gera condições para que aflore a autoestima e a coragem em ambos. Por isso, o amor não pode existir numa relação de dominação em que o opressor subjuga o oprimido.

Segundo (PILETTE, 2014), ao considerar as emoções como parte integrante desse processo, a teoria humanista procurou desenvolver uma prática pedagógica mais democrática, acreditando que a escola deve ser vista como um espaço que produz relações sociais e abraça o estudante em sua totalidade.

Para Wallon (1879-1962) pelas colocações de (DOURADO, 2002), o professor no ambiente escolar tem a possibilidade de auxiliar um desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo, que são vistos pelo autor de forma indissociável, defendendo que o desenvolvimento de um é significativo para os demais. Assimilar as dimensões cognitivas e afetivas no processo de desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos é fundamental para a construção integral das pessoas. Entretanto, é o aspecto emocional que dá suporte ao desenvolvimento intelectual. Desse modo, é possível afirmar que a dimensão afetiva tem significativa influência sobre o desenvolvimento intelectual, podendo intensificar ou diminuir o ritmo do desenvolvimento.

O pensamento de Paulo Freire, pelas colocações de (PRETTO, 2017), sobre a educação nos faz compreender que a relação professor-aluno deve se basear no processo de produção de conhecimento e não em mera transferência, uma relação que não seja dirigida pelo medo, mas pelo respeito e no direito de ser diverso. A educação para Freire, segundo afirma (ECCO, 2015) existe como uma das possibilidades para promover processos de humanização, pois sem educação autenticamente verdadeira, isto é, que prioriza a formação e não o treinamento é muito difícil romper e superar processos desumanizantes. Afirmando que educar é promover o outro, e promover o outro é uma tarefa humanizadora.

As competências socioemocionais em questão, implementadas pela BNCC, a favor da compreensão da diversidade humana, assim como o exercício da empatia, do respeito, e de todas as potencialidades emocionais envolvidas no processo educativo, nos leva a pensar, através das colocações de (ECCO 2015), que a educação objetiva formar e transformar seres humanos, estimulando processos de mudanças dos sujeitos, expandindo suas dimensões e tornando-os humanos.

Assim, compreendemos que o ato de educar deve ser permeado por uma educação autêntica, que promove a dignidade das pessoas, esperançosas de que vivam humanamente, isto é, que sejam capazes de fazerem-se, construírem-se, inventarem-se, desenvolverem-se, pois não nascemos prontos, acabados, satisfeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensando num diálogo entre as competências socioemocionais previstas pela BNCC e a visão da teoria humanista sobre a educação, leva a discutirmos sobre os possíveis

resultados dessa interface. A forte ligação dos interesses sobre uma educação contemporânea humanizada de ambos nos inspira a enfatizarmos esse encontro.

Levando esse princípio humanizador para o ambiente escolar, percebemos que a atenção a essas novas competências, que têm foco em habilidades não cognitivas, vem ganhando força nos últimos anos, reconhecendo que atributos ligados ao comportamento e à administração das próprias emoções podem impactar positivamente no aprendizado dos estudantes e se estende na vida como um todo.

As contratações de profissionais avaliados pelas competências cognitivas, ainda é o que prevalece nas escolas hoje em dia. Em contrapartida, tem sido cada vez mais exigido um equilíbrio cognitivo e emocional desses profissionais. Isso se dá em virtude do reconhecimento de que as habilidades focadas na educação das emoções são essenciais para promover o pensamento autônomo e capacidades dos estudantes e, conseqüentemente, melhorar os índices de aprendizagem.

A novidade da inserção das competências pode nos levar aos seguintes questionamentos: como ensinar as competências socioemocionais? No que elas se diferem de ensinar Matemática ou Português?

A ideia não é esquematizar uma aula exclusiva a propósito dessas competências ou transformá-las em componente curricular, e sim vincular a sua aprendizagem à de outras habilidades incluídas nas áreas do conhecimento. Muitas descrevem o desenvolvimento socioemocional que, para ocorrer de fato, deve estar incorporado ao cotidiano escolar, permeando todas as suas disciplinas e atuações.

A diferença entre as aptidões cognitivas e as socioemocionais são puramente didáticas. A primeira diz respeito a mobilizar, organizar e agir com valores, por meio de atitudes, conhecimentos e habilidades que permitam refletir, raciocinar, pensar, assimilar ideias e resolver problemas. A segunda, além dos pontos anteriores, contempla gerir emoções, estabelecer relação com os outros e resolver problemas pessoais.

As competências socioemocionais estão pensadas a partir da articulação entre sujeito e meio social. A oitava competência, entre as gerais da BNCC, Trata do aprendizado em que crianças e jovens devem ser capazes de identificar seus aspectos fortes e vulneráveis, elaborar suas emoções e manter a saúde física e o equilíbrio emocional.

Por outro lado, a nona, da lista acima citada, impulsiona a capacidade de conviver com outro, o diálogo, a resolução de problemas e o respeito, que devem ser vivenciados no âmbito escolar criando a educação democrática, prevista pela LDB. O respeito aos sujeitos como um

todo, também propicia uma sociedade mais justa, que tem sido um dos principais objetivos da educação.

A formação de um indivíduo autônomo, responsável, capaz de agir pessoal e coletivamente é o que propõe a décima competência, indicando uma educação mais voltada para o papel do estudante, como agente de si e de seu conhecimento.

Segundo Abed (2016), o socioemocional é um dos aspectos fundamentais dentro do desenvolvimento humano, visto a velocidade com que a sociedade atual muda. Desse modo, proporcionar dentro da educação os requisitos citados anteriormente, é gerar uma educação que leva ao êxito no futuro dos educandos. Para tanto, inúmeros são os fatores a ser considerado, por exemplo, delimitar o papel da escola, do professor e da família, sem perder de vista a importância de sua conjuntura. A seguinte colocação trata desse ponto impecavelmente quando diz:

A educação de nossos dias se encontra em uma encruzilhada: ou continua a ocupar um lugar cômodo e, nem por isso menos submissa a uma estrutura social orientada por mecanismos de exclusão social ou, se conscientiza que é preciso mudar e aderir a uma proposta de educação que promova a inclusão escolar através da humanização. (PRETTO, 2016, p. 61)

Como cita (PINHEIRO, 2018), educar para o futuro é produzir conhecimento significativo, capaz de alterar a realidade do indivíduo, desenvolvendo a ligação do cognitivo com o emocional, a fim de atingir resultados. Afinal, somos sujeitos compostos de razão e emoção, sincronizados na maneira como gerimos nossa vida e incitamos nossas decisões. A escola enquanto espaço social passa a ter o dever, de acordo com o Humanismo e as competências socioemocionais, de oferecer situações propícias para trabalhar as aptidões diversas dos estudantes.

Partindo das questões sustentadas pelo diálogo mencionado anteriormente, o professor tem papel substancial nesse processo de mudanças e agregações que fomentam a educação. Afinal, trazendo para exemplificar esse contexto, (PINHEIRO, 2018) externa a teoria de Carl Rogers da educação centrada no estudante, onde diz que o professor deve agir como um facilitador, um guia dentro das perspectivas que se deseja atingir, para despertar a autonomia, o cuidado pessoal, a empatia e o diálogo. É primordial que o professor abandone seu papel de detentor do conhecimento, e gerencie os estudantes para um processo de aprendizagem interna, visto como um mediador, que educa estudantes independentes e responsáveis.

Todos os argumentos pautados a respeito dessa tríade educação/cognição/emoção, dialogam na tentativa de tornar o aluno como o centro do ensino-aprendizagem, sem

desconsiderar seu papel social, fazendo valer o fundamental desempenho da escola, que bem define (PRETTO, 2016) em seu recorte: Essa é a missão da escola: educar para emancipar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizamos nossa composição analítica podemos afirmar que a educação é uma ferramenta transformadora. Tomando por base os pensamentos dos autores citados neste trabalho, educar transcende a errônea concepção da escola tradicional, dando forma a um espaço escolar livre e democrático. Os investimentos trazidos pela BNCC sobre competências socioemocionais, muito condiz com o modelo educativo abordado pelo humanismo.

Carl Rogers, nas abordagens de (PILETTE, 2015) sobre aprendizagem significativa levanta propostas de mudanças aplicadas ao sistema educacional, quando suas ideias de sujeito ativo, engajado no que diz respeito ao seu desenvolvimento cognitivo e emocional, são percorridas em seus apontamentos. Salientando que a escola (em sua completude), professor e aluno são pilares essenciais nesse processo.

É importante destacar que ao nosso entendimento a BNCC nos leva a refletir sobre o papel da educação na busca de soluções para a demasiada crise em que vivemos no contexto atual. É uma crise que atinge primeiramente a dimensão ética da vida em corpo social e, sendo assim, afeta todos os demais aspectos: a política, a cultura, a economia, a educação (intelectual, física, emocional e social).

Atingindo os objetivos pretendidos do artigo, concluímos que as competências socioemocionais da BNCC busca contribuir para a superação de remotos problemas da educação brasileira, como a qualidade e a equidade, mas também impulsionar modificações para tornar as escolas capazes de responder aos novos desafios que se apresentam. Nesse caso, as revisões curriculares precisarão ser acompanhadas por intensas transformações no âmbito, nas ações pedagógicas e, sobretudo, na cultura dos professores.

Para realizar as mudanças necessárias das estruturas educacionais em questão, necessita de muita disponibilidade, reflexão, formação e proposição por parte de gestores e educadores, bem como o intenso envolvimento dos estudantes, de suas famílias e da sociedade em geral. Afinal, mudanças culturais só acontecem quando todos os envolvidos reconhecem a importância e participam ativamente do processo de reconstrução. Concluímos assim sob a reflexão do quão longo e árduo será o caminho das transformações, mas

confiantes, esperançosas e convencidas, que será construída uma Educação Básica que faça mais sentido para os estudantes e para o nosso país.

REFERÊNCIAS

ABED, Anita Lilian Zuppo. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. **Construção psicopedagógica**, v. 24, n. 25, p. 8-27, 2016

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC, 2018a. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 nov. 2018

BRASIL. Plataforma Educacional Par. **E-book Competências socioemocionais na BNCC**, 2018b. Disponível em: https://www.somospar.com.br/wp-content/uploads/2018/07/ebook-competencias-socioemocionais-bncc.pdf?utm_campaign=resposta_automatica_da_landing_page_lp_e-book_-_competencias_socioemocionais_na_bncc&utm_medium=email&utm_source=RD+Station. Acesso em: 14 nov. 2018

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; SILVA, Roberto Rafael Dias da. Currículos socioemocionais, habilidades do século XXI e o investimento econômico na educação: as novas políticas curriculares em exame. **Educar em revista**. Curitiba, PR. N. 63, p. 173-190, jan. /Mar. 2017

DIAS, Isabel Simões. Competências em Educação: conceito e significado pedagógico. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, p. 73-78, 2010

DOURADO, Ione Collado Pacheco; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. Henri Wallon: psicologia e educação. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, n. 5, p. 23-31, 2002

ECCO, Idanir; NOGARO, Arnaldo. A educação em Paulo Freire como processo de humanização. In: Congresso Nacional de Educação, 2015, Curitiba/PR. **Anais eletrônicos...** Curitiba: 2015. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18184_7792.pdf

PINHEIRO, Marlene Nogueira; BATISTA, Eraldo Carlos. O aluno no centro da aprendizagem: uma discussão a partir de Carl Rogers. **Psicologia & Saberes**, v. 7, n. 8, p. 70-85, 2018.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. Emoção e ação pedagógica na infância: contribuições da psicologia humanista. **Temas em psicologia**, v. 1, n. 3, p. 67-72, 1993

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques. **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo: Contexto, 2014

PRETTO, Flavio Luiz; ZITKOSKI, Jaime José. Por uma educação humanizadora: um diálogo entre Paulo Freire e Erich Fromm. **Revista de Ciências Humanas**, v. 17, n. 29, p. 47-65, 2016